

# Um balanço da construção segundo Oscar Niemeyer

Luiz Artur Toribio

«Constrangia-nos apenas verificar que para os operários seria impraticável manter as condições de vida que o Plano Piloto fixara, situando-os como seria justo, dentro das áreas de habitação coletiva, e permitindo que ali seus filhos crescessem fraternalmente com as demais crianças de Brasília, sem complexos, aptos às reivindicações que o tempo lhes irá proporcionar».

«Víamos, com pesar, que as condições sociais vigentes colidem nesse ponto com o espírito do Plano Piloto, criando problemas impossíveis de resolver na prancheta, mesmo apelando — como alguns mais ingênuos sugerem — para uma arquitetura social que a nada conduz sem uma base socialista. E compreendíamos que a única solução que nos restava era continuar apoiando os movimentos progressistas que visam um mundo melhor e mais feliz».

Esta é a principal conclusão de um longo artigo que o arquiteto Oscar Niemeyer escreveu em junho de 1960 — dois meses após a fundação de Brasília — na revista Módulo, número 18, relatando toda sua experiência na construção da cidade. O artigo tem o título de «MINHAS EXPERIÊNCIA DE BRASÍLIA» e nele o arquiteto procura focalizar com riqueza de detalhes todo «o espírito de luta» que dominou os operários candangos da equipe responsável pelo surgimento da nova Capital. Reproduziremos aqui; alguns trechos deste verdadeiro documento em que muito ajudará a entender o processo pulsante, nervoso, febril e contraditório que foi a construção de Brasília».

«Brasília representa para todos que nela colaboraram uma experiência tão cheia de lutas e ensinamentos que nunca poderá ser esquecida. Isso senti desde os primeiros contatos com o problema, desde os primeiros estudos realizados, convicto de que se tratava de uma tarefa gigantesca e necessária, de uma tarefa fundamental para o nosso País. Entretanto, a grande experiência foi, sem dúvida, permanecer em Brasília e participar, como milhares de brasileiros, dessa longa aventura, da qual — como eles — guardo uma grande saudade. Não se tratava apenas de uma oportunidade profissional, embora da maior importância, mas de um movimento coletivo, de um empreendimento extraordinário que exigia e suscitava devação e entusiasmo, unindo todos os que dele participaram numa verdadeira cruzada, superando obstáculos mais penosos, as oposições mais odiosas, as incompreensões e contratempos mais duros e inesperados».

Tínhamos, na verdade, uma tarefa a cumprir e desejávamos fazê-la no prazo estabelecido. E isso, precisamente, criou um espírito de luta, uma

determinação que antes desconhecíamos, estabelecendo entre chefes e subordinados, operários e engenheiros, um denominador comum que a todos nivelava, uma afinidade natural e espontânea que as diferenças de classe, ainda existentes entre nós, tornam quase impossível.

Lembro-me, com admiração, do entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu o empreendimento durante três anos, lutando decididamente contra a oposição mais obstinada, promovendo reuniões, organizando e criando os meios de realizá-lo, batalhando sem desfalecimento, diariamente, contra todos os obstáculos. Entusiasmo que se estendeu a todos os seus auxiliares, como um exemplo, uma palavra de ordem e de fé, fazendo com que se desdobrassem nas tarefas dele recebidas, tarefas que acompanhava atento, com desenvolvimento e compreensão. Esse o espírito que prevaleceu em Brasília e que os operários — vindos dos lugares mais longínquos — assimilaram com um poder de adaptação e sacrifício admirável, verdadeiros e modestos heróis dessa esplêndida jornada.

E a eles se incorporaram os empreiteiros de Brasília que, longe de todos os recursos, souberam com dedicação, dentro do possível, cumprir os prazos — curtos demais — que lhes foram impostos, construindo por exemplo, o Palácio da Alvorada em doze meses, tempo em geral exigido para a construção de uma simples residência; ou o Palácio do Congresso, em que a estrutura arrojada de Joaquim Cardozo não constituiu empecilho nem motivo de atraso na sua execução.

## PENSANDO EM BRASÍLIA

«Comecei a pensar em Brasília certa manhã — setembro de 1956 — quando Juscelino Kubitschek, desceendo de seu carro na Gávea, parou no meu portão e, levando-me para a cidade, expôs o problema».

Minha primeira reação decorreu do interesse que essa obra representava, interesse profissional e afetivo, pois via nela empenho de Juscelino Kubitschek, velho amigo a quem me ligavam outros trabalhos, outras dificuldades, e uma antiga e permanente amizade. Daí em diante passei a viver em função de Brasília».

## PRIMEIROS TEMPOS

«Dos primeiros tempos confesso guardar ainda uma certa amargura. Foram os dias dedicados ao Plano Piloto de Brasília, solução que teve meu total apoio, levando-me, mesmo, a recusar o convite feito antes por Juscelino Kubitschek para elaborar aquele projeto e aceitar, apenas, os prédios governamentais».

Embora honestamente realizado, o resultado do concurso desgostou a alguns, pois representava obra por

JORNAL DE BRASÍLIA

31 MAI 1968

10

Memória de  
BRASÍLIA

Brasília

demais importante, provocando a paixão com que muitos se deixaram marcar. Ainda me vêm à lembrança certos incidentes, certas passagens que me fizeram descrever muita coisa. Pela primeira vez senti como é forte a luta profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função exclusiva de uma ambição profissional ilimitada.

Mas senti, também, que a estes faltava uma concepção mais realista da vida, que os situasse dentro da fragilidade das coisas, tornando-os mais simples, humanos e despreendidos. Não sou dos que só vêem o lado negativo dos homens; em tudo encontramos uma parcela favorável, e positiva, e isso me permitiu compreendê-los sem ressentimentos.

Com a escolha do projeto de Lúcio Costa, a situação se esclareceu. Não se tratava apenas de um admirável projeto, mas, também, de um homem puro e sensível, de um grande amigo com o qual me poderia entender».

## PRIMEIRA VISITA

«Minha primeira visita a Brasília — de poucas horas — foi justamente com a comitiva do governo que ia tomar contato com o local. Na segunda, demorei-me vários dias, colaborando com alguns amigos que, comandados por João Milton Prates, construíram o Catetinho, obra que ficou como o primeiro exemplo de puro entusiasmo».

(...) Em junho de 1958, começamos a sentir a conveniência de mudar para Brasília, a fim de dar fiscalização direta às construções em andamento e ao trabalho, inclusive aos novos projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir. Com esse objetivo chegamos a Brasília numa manhã de agosto. Eramos quinze. Todos amigos, todos guiados pelo mesmo idealismo».

«Primeiro nos veio o impacto de mudar, muitas vezes de uma cidade adiantada, para aquele imenso e deslocado sertão. Depois, a nostalgia da distância, a ausência da família, dos amigos, do ambiente em que se vivia; daí decorrendo os problemas, os mais íntimos e irreprimíveis».

Receávamos sempre receber uma notícia triste e irreparável, e isso com o tempo forçosamente teria que ocorrer. A primeira parti de Brasília e a recebi em viagem, ainda em Belo Horizonte. Foi a morte de nosso querido amigo Walter Garcia Lopes — o Eça — que conosco veio para aqui, começando cheio de entusiasmo uma nova vida, que o destino brutal-

mente cortou. Depois a morte de Bernardo Sayão, grande companheiro e, finalmente, um chamado do Rio levou-me desolado a abraçar meu pai pela última vez».

## CONDICÕES DE TRABALHO

«Não podemos dizer que as condições encontradas fossem satisfatórias. Não tínhamos luz, nem água quente, e as refeições, servidas nas obras, deixavam muito a desejar. As chuvas intensas cobriam as estradas de lama, dando-nos, habituados ao asfalto, um grande mal-estar. Contudo, prevaleceu, com surpresa, um entusiasmo, uma determinação e um espírito esportivo que afastavam dificuldades, reunindo-nos à noite, após o trabalho, em longas e reconfortantes conversas».

Sentíamos, por outro lado, que colaborávamos numa obra importante: uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e solitária. (...)

Lembro-me, por exemplo, do incidente que surgiu quando deliberei pintar de branco o teto do Brasília Palace Hotel, que alguns — por inocência ou mau gosto — preferiam manter na cor da madeira, deliberação que me levou quase ao rompimento com a direção da NOVACAP, ou, para ser mais preciso, com o meu amigo Israel Pinheiro, homem que deu a Brasília o melhor do seu esforço e que hoje comprehendo e estimo. (...)

(...) É evidente que muitas vezes nos sentimos cansados de tanta luta e trabalho, o que justifica certas atitudes intransigentes, e até violentas; todas, felizmente, decorrentes do mais puro idealismo, o que permitiu sempre conduzi-las para a confraternização. Mas tínhamos, também, momentos de alegria e confiança, vendo que a obra caminhava dentro dos esquemas possíveis e que o nosso trabalho não a comprometia. Víamos com satisfação que o Plano Piloto de Lúcio Costa era justo e certo, que se adaptava bem ao terreno, às suas conformações, e que os espaços livres e volumes previstos eram belos e equilibrados. (...)

Estas as minhas lembranças de Brasília, cidade que Juscelino Kubitschek ergueu no centro do Brasil, com audácia e confiança ilimitadas. (...)

(...) E espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que comprehendam o valor das coisas simples e puras — um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade. Junho de 1960».